Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação — REASE

OPEN ACCESS

doi.org/10.51891/rease.v12i11.31931

O JONGO COMO PATRIMÔNIO CULTURAL AFRO-BRASILEIRO: MEMÓRIA, RESISTÊNCIA E POSSIBILIDADES EDUCATIVAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA – UMA REVISÃO DA LITERATURA

JONGO AS AFRO-BRAZILIAN CULTURAL HERITAGE: MEMORY, RESISTANCE, AND EDUCATIONAL POSSIBILITIES IN PHYSICAL EDUCATION – A LITERATURE REVIEW

EL JONGO COMO PATRIMONIO CULTURAL AFROBRASILEÑO: MEMORIA, RESISTENCIA Y POSIBILIDADES EDUCATIVAS EN LA EDUCACIÓN FÍSICA – UNA REVISIÓN DE LA LITERATURA

Ana Lívia Soares de Oliveira[1]
Edson Leandro Biage[2]

RESUMO: Este artigo analisa o jongo como manifestação cultural afro-brasileira, destacando suas relações com a memória, a ancestralidade, a resistência e a educação. Trata-se de uma análise de literatura, de caráter exploratório e descritivo, construída a partir da leitura de nove publicações acadêmicas, publicadas entre 2018 e 2026, que abordam diretamente o jongo em perspectivas históricas, culturais, sonoras, comunitárias e pedagógicas. A análise temática foi organizada em quatro eixos: trajetória histórica e resistência; memória e ancestralidade; música, corpo e ritualidade; e possibilidades educativas. Os estudos consultados indicam que o jongo não deve ser reduzido a uma dança ou manifestação folclórica isolada, pois articula canto, percussão, movimento, oralidade, vínculos comunitários e transmissão intergeracional de saberes. As pesquisas sobre experiências escolares também sugerem que a vivência prática, associada à contextualização histórica, pode ampliar o conhecimento dos estudantes e contribuir para a educação antirracista. Como limite, destaca-se a diversidade de tipos de publicação e a ausência de um registro completo do número inicial de resultados da busca, o que impede caracterizar a revisão como sistemática. Conclui-se que o jongo constitui uma expressão relevante de memória cultural e resistência afro-brasileira e oferece possibilidades de abordagem crítica no campo da Educação Física.

Palavras-chave: Jongo. Cultura afro-brasileira. Dança. História.

[1]Acadêmica do curso de bacharel em Educação Física.
[2]Professor Especialista adjunto do curso de bacharel em Educação Física pela Faculdade Cristo Rei.

ABSTRACT: This article analyzes *jongo* as an Afro-Brazilian cultural manifestation, highlighting its connections to memory, ancestry, resistance, and education. It presents an exploratory and descriptive literature review based on nine academic publications—released between 2018 and 2026—that directly address *jongo* from historical, cultural, sonic, communal, and pedagogical perspectives. The thematic analysis is organized into four axes: historical trajectory and resistance; memory and ancestry; music, body, and ritual; and educational possibilities. The studies reviewed indicate that *jongo* should not be reduced to a mere dance or an isolated folkloric expression; rather, it integrates singing, percussion, movement, orality, community bonds, and the intergenerational transmission of knowledge. Research on school-based experiences further suggests that practical engagement, combined with historical contextualization, can broaden students' understanding and contribute to anti-racist education. A limitation of this work is the diversity in publication types and the lack of a complete record regarding the initial number of search results, which precludes classifying this review as "systematic." The article concludes that *jongo* serves as a significant expression of Afro-Brazilian cultural memory and resistance, offering opportunities for a critical approach within the field of Physical Education.

Keywords: Jongo. Afro-Brazilian culture. Ancestry. Cultural resistance. Physical Education.

RESUMEN: Este artículo analiza el *jongo* como manifestación cultural afrobrasileña, destacando sus relaciones con la memoria, la ancestralidad, la resistencia y la educación. Se trata de un análisis bibliográfico, de carácter exploratorio y descriptivo, elaborado a partir de la lectura de nueve publicaciones académicas —publicadas entre 2018 y 2026— que abordan directamente el *jongo* desde perspectivas históricas, culturales, sonoras, comunitarias y pedagógicas. El análisis temático se organizó en cuatro ejes: trayectoria histórica y resistencia; memoria y ancestralidad; música, cuerpo y ritualidad; y posibilidades educativas. Los estudios consultados indican que el *jongo* no debe reducirse a una danza o manifestación folclórica aislada, ya que articula canto, percusión, movimiento, oralidad, vínculos comunitarios y transmisión intergeneracional de saberes. Las investigaciones sobre experiencias escolares también sugieren que la vivencia práctica, junto con la contextualización histórica, puede ampliar el conocimiento de los estudiantes y contribuir a una educación antirracista. Como limitación, cabe señalar la diversidad en los tipos de publicación y la ausencia de un registro completo del número inicial de resultados de la búsqueda, lo que impide clasificar esta revisión como sistemática. Se concluye que el *jongo* constituye una expresión relevante de memoria cultural y resistencia afrobrasileña, y ofrece posibilidades para un abordaje crítico en el campo de la Educación Física.

Palabras clave: Jongo. Cultura afrobrasileña. Ancestralidad. Resistencia cultural. Educación Física.

1 INTRODUÇÃO

O estudo do Jongo mostra-se relevante por possibilitar a compreensão de uma manifestação cultural afro-brasileira que articula dança, música, oralidade, memória e pertencimento coletivo. Sua análise permite discutir não apenas os aspectos históricos dessa prática, mas também os processos de preservação e transmissão dos saberes culturais entre

gerações. No contexto educacional, o tema pode contribuir para ampliar o reconhecimento das contribuições das populações africanas e afro-brasileiras para a formação da sociedade brasileira, desde que sua abordagem respeite os significados culturais da manifestação e valorize os conhecimentos das comunidades jongueiras.

A formação cultural brasileira resulta da contribuição de diferentes povos e tradições que, ao longo da história, participaram da construção da identidade nacional. Entre essas contribuições, destaca-se a influência dos povos africanos, cujos conhecimentos, costumes e práticas culturais permaneceram presentes na sociedade brasileira apesar da violência do processo de escravização. Essa herança pode ser identificada em diversas manifestações culturais, como a música, a dança, a culinária, a religiosidade e as expressões artísticas. Nesse sentido, compreender a cultura afro-brasileira permite reconhecer a diversidade que constitui a sociedade brasileira e valorizar a participação dos povos africanos em sua formação histórica (ARAUJO, 2024).

Entre as manifestações culturais de matriz africana presentes no Brasil, as danças afro-brasileiras representam importantes formas de expressão corporal, musicalidade, memória e identidade. Essas práticas não se limitam aos movimentos realizados pelos participantes, pois também transmite conhecimentos, valores e tradições entre gerações. Dessa maneira, o corpo pode ser compreendido como espaço de expressão cultural e preservação de memórias coletivas, contribuindo para a valorização das experiências históricas das populações negras (AMORIM, 2025).

Nesse contexto, destaca-se o jongo, manifestação cultural afro-brasileira também conhecida como caxambu em determinadas comunidades. Associado às tradições de povos africanos de origem banto, o jongo desenvolveu-se especialmente na região Sudeste do Brasil e reúne elementos como dança, canto, percussão e interação coletiva. Sua trajetória está relacionada à experiência histórica da população negra no período da escravização, bem como à preservação de saberes e práticas culturais de origem africana (GONÇALVES; RIBEIRO, 2022). Além de sua dimensão artística, o jongo constitui uma expressão de memória, pertencimento e continuidade cultural.

A relevância de estudar essa manifestação está na necessidade de reconhecer e valorizar as contribuições africanas para a formação cultural brasileira, compreendendo como práticas tradicionais podem preservar conhecimentos ancestrais e fortalecer identidades coletivas. A análise do jongo também se mostra pertinente para a Educação Física, pois possibilita refletir

sobre o corpo e o movimento como dimensões culturais, históricas e sociais, ampliando a compreensão das práticas corporais para além de seus aspectos exclusivamente físicos.

Diante desse contexto, o presente estudo busca responder às seguintes questões: como o jongo contribuiu para a preservação de elementos da cultura africana no Brasil? De que maneira essa manifestação cultural participa da construção e do fortalecimento da identidade afro-brasileira?

Para responder a essas questões, o objetivo geral deste trabalho é analisar a importância da cultura africana nas danças brasileiras por meio do estudo do jongo, destacando sua origem, suas características e sua contribuição para a preservação da cultura afro-brasileira. Como objetivos específicos, pretende-se: conhecer a origem e o contexto histórico do jongo; identificar os principais elementos culturais presentes nessa manifestação; compreender sua relação com a escravização, a memória e a resistência cultural; e discutir sua contribuição para a valorização da cultura afro-brasileira e para a compreensão das práticas corporais no campo da Educação Física.

Para alcançar esses objetivos, será realizada uma revisão bibliográfica, de abordagem qualitativa, fundamentada na busca, seleção e análise de publicações acadêmicas e documentos pertinentes ao tema. A investigação buscará reunir e discutir as contribuições dos estudos selecionados para compreender o jongo como manifestação cultural de matriz africana, considerando suas dimensões históricas, corporais e identitárias.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Cultura Africana e Formação da Cultura Afro-Brasileira

A formação da cultura afro-brasileira está diretamente relacionada à presença dos povos africanos no Brasil e às experiências históricas vivenciadas por essas populações durante o período da escravização. Apesar da violência, da exploração do trabalho e das tentativas de rompimento dos vínculos familiares e comunitários, diferentes conhecimentos, práticas e tradições foram preservados, transformados e transmitidos ao longo das gerações. Essa herança pode ser identificada em diversas manifestações culturais brasileiras, incluindo a música, a dança, a religiosidade e as tradições orais.

Nesse contexto, as expressões musicais de matriz africana desempenharam um papel importante na preservação de referências culturais e na construção de formas coletivas de resistência. Ferreira e Silva (2025) discutem a música como expressão de memória, identidade e

resistência, destacando sua relação com as experiências históricas das populações negras. Dessa maneira, a música pode ser compreendida não apenas como manifestação artística, mas também como uma forma de expressão cultural vinculada às experiências sociais e históricas de seus praticantes.

A preservação das tradições afro-brasileiras também pode ser compreendida por meio das práticas coletivas que articulam ritmo, canto, movimento e convivência comunitária. Essas manifestações possibilitam a transmissão de conhecimentos e valores culturais entre diferentes gerações, contribuindo para a continuidade de memórias e identidades. Entretanto, é importante reconhecer que as tradições africanas são diversas e que suas expressões no Brasil passaram por processos históricos de transformação, adaptação e recriação.

Entre essas manifestações, destaca-se o jongo, expressão cultural afro-brasileira que integra percussão de tambores, canto e dança coletiva. Conforme a documentação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2007), o jongo está relacionado à história das populações negras da região Sudeste e à preservação de conhecimentos e práticas culturais de matriz africana. Seu estudo permite compreender como manifestações corporais e musicais contribuíram para a continuidade de tradições, para a construção de identidades coletivas e para a valorização da cultura afro-brasileira.

2.2 Corpo, Memória, Ancestralidade e Resistência

O corpo ocupa um lugar importante na preservação e na transmissão das culturas de matriz africana. Ao longo da história, mesmo diante da violência da escravização e das tentativas de apagamento de suas tradições, as populações negras mantiveram e recriaram diferentes formas de expressão cultural, entre elas a música, a dança, os cantos e os rituais comunitários. Nesse contexto, o corpo não deve ser compreendido apenas em sua dimensão física, mas também como um meio de expressão de experiências históricas, conhecimentos e memórias coletivas.

A dança, nesse sentido, constitui uma forma de transmitir saberes entre gerações, contribuindo para a preservação de tradições e para o fortalecimento da identidade cultural. Por meio dos gestos, dos ritmos e dos movimentos, os indivíduos expressam sentimentos, valores e experiências que fazem parte da história de suas comunidades. Dessa maneira, as práticas corporais de origem africana podem ser compreendidas como manifestações que articulam corpo, memória e ancestralidade.

Amorim (2025), ao abordar as danças afro-brasileiras e suas relações com a memória e a identidade, contribui para a compreensão do corpo como espaço de expressão cultural. Essa perspectiva permite reconhecer que os movimentos realizados durante uma dança não são apenas gestos isolados, mas podem carregar significados históricos e sociais construídos coletivamente.

No jongo, essa relação manifesta-se por meio da roda, da percussão dos tambores, dos cantos e dos movimentos corporais. A participação coletiva favorece a transmissão de conhecimentos e a continuidade de práticas culturais que atravessaram diferentes gerações. Assim, o corpo que dança também participa da preservação de uma memória coletiva, reafirmando vínculos com a ancestralidade africana e com a história das comunidades jongueiras.

Portanto, compreender o corpo como expressão de memória e resistência contribui para valorizar o jongo como manifestação cultural afro-brasileira. Seu estudo também permite reconhecer a dança como uma prática que ultrapassa o aspecto artístico, pois envolve identidade, pertencimento, valorização da ancestralidade e continuidade das tradições culturais.

2.3 O Jongo: Origem, Características e Filosofia do Tambor

O jongo é uma manifestação cultural afro-brasileira que articula música, dança, poesia e tradição oral. Associado à diáspora africana, especialmente aos povos de matriz bantu, desenvolveu-se historicamente em comunidades negras da região Sudeste do Brasil, com destaque para o Vale do Paraíba, abrangendo localidades dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Sua prática está relacionada à memória, à identidade e à transmissão de conhecimentos culturais entre gerações. Andrade, Teixeira e Portilho (2023, p. 241) destacam a relação entre o jongo, a musicalidade e a memória da população afro-brasileira.

Uma das características do jongo é a integração entre os instrumentos de percussão, os cantos e os movimentos corporais. Os tambores, entre eles o tambu, o candongueiro e o caxambu, desempenham um papel central na construção dos ritmos e na organização da dança. Entretanto, as denominações dos instrumentos e das práticas podem variar de acordo com as comunidades jongueiras, sendo importante considerar suas particularidades culturais.

A relação entre o tambor e o corpo constitui um aspecto significativo dessa manifestação. O ritmo orienta os movimentos dos participantes e contribui para a experiência coletiva da dança. Nesse sentido, Santos (2021 apud Amorim, 2025, p. 67) aborda a relação entre as vibrações

sonoras, as sensações corporais e as possibilidades de organização e expressão do corpo. Essa perspectiva permite compreender o tambor não apenas como instrumento musical, mas também como elemento importante na construção das experiências corporais e dos vínculos comunitários.

Outro componente fundamental do jongo são os *pontos*, cantos compostos por versos que podem apresentar linguagem metafórica, referências à vida cotidiana e significados relacionados à história e às experiências das comunidades. Geralmente, a dinâmica envolve a participação de um cantador e as respostas dos demais participantes. A interpretação dos pontos exige atenção ao contexto cultural em que são entoados, pois suas mensagens podem envolver conhecimentos compartilhados, ensinamentos e formas de comunicação próprias da tradição jongueira.

A dança acontece, frequentemente, em uma roda, espaço de participação coletiva no qual os movimentos corporais se articulam com os cantos e a percussão. Entre os elementos coreográficos associados ao jongo está a umbigada, gesto que pode marcar a troca de pares durante a dança. O *Dossiê Jongo no Sudeste*, elaborado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2007), descreve esse movimento e o relaciona à família das danças de umbigada. Essa característica evidencia as conexões históricas e culturais entre diferentes manifestações afro-brasileiras, embora cada uma apresente particularidades próprias.

A relação entre o jongo e as tradições africanas também pode ser discutida a partir da oralidade e da organização comunitária. Dias (2014), ao investigar aproximações entre o jongo brasileiro e o *ondjango* angolano, apresenta uma hipótese interpretativa sobre possíveis relações históricas e culturais entre essas práticas. O autor aproxima o jongo de formas coletivas de diálogo e de transmissão oral presentes em comunidades ovimbundas de Angola. Essa aproximação, contudo, deve ser compreendida como uma hipótese de pesquisa, e não como comprovação definitiva de que o jongo tenha se originado diretamente do ondjango.

Dessa forma, o jongo pode ser compreendido como uma manifestação cultural na qual música, dança, oralidade e convivência comunitária se articulam na preservação de memórias e identidades. Seus instrumentos, cantos e movimentos expressam conhecimentos construídos historicamente e transmitidos entre gerações. Estudar essas características contribui para reconhecer o jongo como patrimônio cultural afro-brasileiro e para valorizar sua importância na história e na cultura das comunidades que mantêm essa tradição.

2.4 Jongo, Identidade e Patrimônio Cultural

O jongo constitui uma importante manifestação da cultura popular afro-brasileira, reunindo música, dança, oralidade e memória coletiva. Sua continuidade histórica demonstra a atuação das comunidades negras na preservação e na transmissão de suas tradições culturais. Nesse sentido, o jongo não representa apenas uma herança do passado, mas também uma prática cultural viva, que pode assumir novos significados de acordo com as experiências e as necessidades de cada comunidade.

A relação entre o jongo e outras manifestações da cultura brasileira também merece atenção. Suas características musicais, rítmicas e coreográficas permitem investigar possíveis diálogos com diferentes expressões populares e artísticas. Entretanto, para estabelecer relações de influência histórica entre o jongo, o samba de roda, o samba urbano carioca e as agremiações carnavalescas, é necessário recorrer a estudos específicos que documentem essas conexões. Da mesma forma, possíveis aproximações com gêneros contemporâneos, como o rap e o funk, devem ser fundamentadas em pesquisas que identifiquem como essas relações ocorrem.

Um marco importante para a valorização dessa manifestação foi seu reconhecimento como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em novembro de 2005, com a inscrição do Jongo do Sudeste no Livro de Registro das Formas de Expressão. Esse reconhecimento contribuiu para ampliar a visibilidade da manifestação e destacar a importância das comunidades responsáveis por sua continuidade.

O dossiê elaborado pelo IPHAN apresenta o jongo como uma manifestação relacionada à identidade e à resistência cultural de diferentes comunidades. Conforme o trecho citado por Gonçalves e Ribeiro (2022, p. 184), o jongo constitui um espaço de manutenção, circulação e renovação de seu universo simbólico. Essa compreensão evidencia que a salvaguarda do patrimônio cultural não se limita à conservação de práticas antigas, mas envolve também o reconhecimento dos grupos sociais que as mantêm vivas e lhes atribuem novos sentidos.

No período posterior à abolição da escravidão, as manifestações culturais afro-brasileiras continuaram desempenhando um papel importante na afirmação das identidades negras e na valorização de suas histórias. Nesse contexto, o jongo pode ser compreendido como um espaço de memória coletiva e de reivindicação de direitos, especialmente quando relacionado às trajetórias das comunidades quilombolas e às suas lutas por reconhecimento social e territorial.

Nepomuceno (2009, p. 27 apud Cyrillo; Siqueira, 2025, p. 27) destaca a relação entre a memória dos libertos e de seus descendentes e a reivindicação contemporânea por direitos e

igualdade de oportunidades. Essa perspectiva contribui para compreender que as manifestações culturais podem atuar como formas de afirmação identitária e de visibilidade social.

Portanto, o reconhecimento do jongo como patrimônio cultural brasileiro representa um passo importante para a valorização da história e das tradições das comunidades jongueiras. Sua preservação está relacionada não apenas à continuidade da música e da dança, mas também ao respeito aos conhecimentos, às memórias, às identidades e aos direitos dos grupos que mantêm essa manifestação cultural.

2.5 A influência do jongo em outras manifestações da cultura brasileira

O jongo mantém relações com diferentes expressões da cultura brasileira, especialmente no campo da música e da dança. Seus cantos, ritmos e formas de expressão corporal constituem elementos importantes para compreender a presença das tradições afro-brasileiras na construção da cultura popular. Gonçalves e Ribeiro (2022, p. 191), ao retomarem Martin (2009), destacam a permanência de elementos dos pontos de jongo nas músicas populares contemporâneas, embora essa presença nem sempre seja explícita. Essa perspectiva permite investigar como determinadas referências culturais são preservadas, transformadas e incorporadas a novas manifestações artísticas ao longo do tempo.

A relação entre o jongo e a música de concerto brasileira também constitui um campo de investigação. Um exemplo citado na literatura é a *3ª Suíte Brasileira*, do compositor Lorenzo Fernández, cuja relação com padrões rítmicos do jongo é discutida por Lage (2014 apud Andrade; Teixeira; Portilho, 2023, p. 251). Esse diálogo evidencia a possibilidade de aproximação entre manifestações populares de matriz africana e a música de concerto, valorizando a diversidade de referências que participam da formação da cultura musical brasileira.

Além de sua dimensão musical, o jongo apresenta características corporais e espaciais que contribuem para a compreensão da dança como prática cultural. A roda constitui um elemento central dessa manifestação, pois organiza a participação dos dançarinos e favorece a interação entre canto, percussão e movimento. Nela, os participantes compartilham ritmos, gestos e conhecimentos transmitidos entre gerações. Assim, a circularidade pode ser compreendida como uma característica importante da organização coletiva e da experiência corporal no jongo.

Essa dimensão cultural é ressaltada pela mestra Eliete Miranda, entrevistada por Amorim (2025), ao abordar a circularidade como um valor presente nas tradições afro-

brasileiras. Em sua fala, a roda aparece associada à maneira como essas tradições compreendem e organizam as experiências coletivas (Miranda, 2025 apud Amorim, 2025, p. 144-145). Essa interpretação contribui para reconhecer que a organização espacial da dança também pode carregar significados culturais e identitários, para além de sua função coreográfica.

Entre os movimentos associados ao jongo, destaca-se a umbigada, gesto coreográfico que pode marcar a interação e a troca de pares durante a dança. Segundo o Dossiê Jongo no Sudeste, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2007, p. 35 apud Gonçalves; Ribeiro, 2022, p. 189), esse elemento apresenta possíveis relações com a família das danças de umbigada, associadas a tradições de origem africana. Sua presença demonstra a importância dos gestos e dos movimentos na transmissão de conhecimentos culturais e na construção da identidade corporal dessa manifestação.

Outro aspecto relevante é a improvisação, que permite aos participantes responderem ao ritmo dos tambores e interagirem com os demais integrantes da roda. Nessa perspectiva, o corpo não se limita à reprodução de movimentos previamente estabelecidos, mas participa ativamente da criação e da produção de sentidos. A dança torna-se, assim, um espaço de expressão, experiência e construção de conhecimentos.

Essa compreensão aproxima-se das discussões de Rocha e Deffaci (2024), que abordam o potencial das práticas corporais para questionar modelos de ensino centrados exclusivamente na racionalidade e na reprodução de padrões. Ao retomarem Domenici, Machado e Rodrigues (2019), os autores destacam o corpo como produtor de conhecimento, saberes e memória. Essa perspectiva contribui para pensar o jongo como uma prática capaz de valorizar diferentes formas de aprender, expressar-se e construir conhecimentos por meio da experiência corporal.

No campo da Educação Física, o estudo do jongo permite ampliar a compreensão da dança para além de sua dimensão técnica ou recreativa. Sua abordagem possibilita discutir história, ancestralidade, identidade, diversidade cultural e relações sociais, reconhecendo os saberes presentes nas manifestações corporais de diferentes grupos. Ao vivenciar e estudar essa dança, os estudantes podem compreender que os movimentos corporais são produzidos em contextos históricos e culturais específicos e carregam significados que precisam ser respeitados.

Essa abordagem está em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que destaca a possibilidade de explorar movimentos e gestualidades de diferentes grupos culturais e analisar os valores e discursos associados às práticas corporais (Brasil, 2018,

p. 472). O documento também orienta que as práticas corporais sejam compreendidas como fenômenos culturais dinâmicos, diversificados e pluridimensionais (Brasil, 2018, p. 214).

Dessa maneira, trabalhar o jongo nas aulas de Educação Física pode contribuir para a valorização da cultura afro-brasileira e para o reconhecimento da diversidade de conhecimentos que constituem as práticas corporais. Mais do que reproduzir passos de uma dança, essa abordagem permite compreender seus significados históricos e sociais, valorizar a ancestralidade e promover o respeito às diferentes manifestações culturais.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, desenvolvida por meio de uma revisão da literatura, com o objetivo de identificar e analisar as contribuições das produções acadêmicas acerca do jongo como patrimônio cultural afro-brasileiro, considerando suas relações com a memória, a resistência cultural, a ancestralidade e as possibilidades educativas no campo da Educação Física.

As buscas foram realizadas no Google Acadêmico, no período de 02 de setembro de 2026 a 15 e outubro de 2026, considerando publicações disponibilizadas entre 2018 e 2026. Foram utilizados os descritores “jongo”, “cultura afro-brasileira”, “dança”, “história”, “escravidão”, “resistência cultural” e “memória”, empregados isoladamente e em combinações, com o objetivo de ampliar a identificação de estudos relacionados ao tema. Entre as combinações utilizadas, destacaram-se: “jongo” e “Educação Física”; “jongo” e “cultura afro-brasileira”; “jongo” e “resistência cultural”; e “jongo” e “educação”.

Foram considerados elegíveis os trabalhos que abordassem o jongo em suas dimensões históricas, culturais, sociais ou educativas, especialmente aqueles que discutissem a memória coletiva, a ancestralidade, a resistência cultural, as manifestações corporais e as possibilidades de abordagem pedagógica. Foram excluídos os resultados duplicados, os trabalhos sem relação direta com o objetivo da pesquisa e os documentos cujo texto completo não estivesse disponível para análise, quando aplicável.

A seleção das publicações ocorreu em etapas. Inicialmente, foram examinados os títulos dos resultados identificados nas buscas. Em seguida, os resumos dos trabalhos potencialmente relevantes foram analisados para verificar sua relação com o objetivo do estudo. Por fim, os textos completos selecionados foram lidos integralmente, considerando sua pertinência temática e sua contribuição para a discussão proposta.

Após o processo de identificação, triagem e elegibilidade, foram incluídas nove publicações na análise final. Os estudos selecionados foram organizados em eixos temáticos relacionados à história e à resistência cultural; à memória e à ancestralidade; à música, ao corpo e ao ritual; e às possibilidades educativas do jongo, lisados na tabela 1.

Ressalta-se que a pesquisa apresenta limitações relacionadas à utilização do Google Acadêmico como fonte de busca e ao recorte temporal estabelecido. Além disso, a revisão não foi conduzida como uma revisão sistemática, uma vez que não dispõe de registro completo e verificável de todas as etapas de identificação, exclusão e seleção das publicações.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das nove publicações permitiu organizar os achados em quatro eixos temáticos. A Tabela 1 sintetiza o foco de cada trabalho, a abordagem identificada e sua contribuição para a questão de pesquisa.

Tabela 1 – Síntese das publicações que compõem o corpus de análise

Autor(es)/ano	Objetivo ou foco	Método/abordagem	Principais contribuições
Andrade, Teixeira e Portilho (2023)	Analisar a produção acadêmica sobre o jongo.	Levantamento bibliográfico no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, com produções de 1988 a 2021.	Aponta presença do tema em Educação, estudos interdisciplinares e Arte/Música; relaciona jongo, memória e identidade.
Alves e Tomaz (2023)	Relatar experiência pedagógica de ensino do jongo no Ensino Médio.	Relato de experiência de oito aulas em duas turmas do Colégio Pedro II.	As autoras relatam ampliação da compreensão discente e interesse pelas possibilidades corpo-orais da manifestação.
Conz e Martins (2024)	Explorar transmissão cultural, documentação, identidade e ancestralidade no jongo.	Análise de residência artística realizada nos Estados Unidos em 2023 e do documentário produzido a partir da experiência.	Discute o corpo como arquivo vivo e a adaptação e ressignificação da tradição em contexto transnacional.
Cyrillo e Siqueira (2026)	Discutir as sonoridades sociais do Jongo da Serrinha e seus saberes ancestrais.	Abordagem exploratória com pesquisa bibliográfica e visita de campo.	Destaca sonoridades, práticas coletivas, resistência e emancipação; o artigo foi publicado on-line em 2026.
Freitas (2023)	Investigar a presença do jongo na Educação Infantil e suas relações com educação antirracista.	Revisão sistemática da literatura realizada pelo autor, com cinco estudos selecionados no trabalho original.	Identifica desafios na formação docente, nos currículos e na abordagem da cultura afro-brasileira na escola.
Gonçalves e Ribeiro (2022)	Discutir a herança cultural do Reino do	Capítulo acadêmico de abordagem histórico-cultural.	Contribui para contextualizar as raízes africanas e a continuidade de

	Congo no jongo brasileiro.		elementos culturais no Brasil.
Mattos (2021)	Analisar o imaginário mítico do ritual afro-brasileiro do jongo.	Pesquisa etnográfica com observação participante e memória oral de jongueiros.	Descreve objetos, atos rituais, gestos, imagens e personagens ligados à dimensão simbólica e ancestral do jongo.
Oliveira e Berezoschi (2022)	Examinar a trajetória do jongo do cativeiro à presença nas ruas.	Estudo histórico-cultural baseado em registros, memórias e documentação sobre o jongo.	Enfatiza a permanência, a renovação e a resistência cultural na história do jongo.
Souza (2021)	Investigar modos e práticas do jongo da comunidade do Tamandaré, em Guaratinguetá.	Pesquisa em Artes Cênicas, com participação em festejos, observações e memórias compartilhadas em entrevistas.	Evidencia estratégias comunitárias de continuidade e resistência e o papel dos mestres e mestras na transmissão.

Fonte: elaboração própria, com base nas publicações analisadas.

A análise das nove publicações selecionadas permitiu identificar aproximações entre o jongo e quatro dimensões principais: memória e ancestralidade, resistência cultural, integração entre música e movimento corporal e possibilidades educativas. Em conjunto, os estudos possibilitam compreender o jongo para além de uma manifestação de dança, reconhecendo-o como patrimônio cultural afro-brasileiro que articula conhecimentos históricos, experiências coletivas, oralidade e formas de expressão corporal. Essa compreensão reforça a importância de considerar as práticas corporais em seus contextos sociais e culturais, evitando abordagens que reduzam a dança à reprodução de passos ou à aprendizagem exclusivamente técnica.

4.1 Convergências entre os estudos: memória, ancestralidade e resistência cultural

Uma das principais convergências identificadas na literatura é o reconhecimento da relação entre o jongo, a preservação da memória coletiva e a continuidade das tradições afro-brasileiras. Os trabalhos analisados permitem interpretar essa manifestação como uma prática cultural na qual cantos, ritmos, movimentos, narrativas e formas de participação coletiva contribuem para a transmissão de conhecimentos entre gerações. Dessa maneira, o corpo assume uma dimensão que ultrapassa a execução de movimentos, constituindo também um meio de expressão de experiências históricas e de pertencimento cultural.

A dimensão da resistência cultural também se destaca nessa discussão. A permanência do jongo ao longo do tempo pode ser compreendida em relação às estratégias de preservação e

valorização de tradições afro-brasileiras diante de processos históricos de discriminação e desvalorização cultural. Nessa perspectiva, reconhecer o jongo como patrimônio cultural significa considerar os sujeitos e as comunidades responsáveis pela manutenção e pela transmissão de seus saberes, evitando que a manifestação seja apresentada de forma descontextualizada ou reduzida a um elemento folclórico.

Outra aproximação entre os estudos diz respeito à articulação entre música, corporeidade e interação social. Os tambores, os pontos cantados, a roda e os movimentos corporais participam conjuntamente da experiência do jongo. Esses elementos evidenciam que a manifestação possui uma organização própria, vinculada aos conhecimentos e às experiências das comunidades que a praticam. Portanto, sua compreensão exige uma abordagem que considere tanto os aspectos corporais quanto os significados históricos, sociais e culturais que os acompanham.

4.2 Lacunas identificadas na literatura

Embora as publicações contribuam para o reconhecimento do jongo como patrimônio cultural afro-brasileiro, ainda é necessário aprofundar a investigação sobre sua inserção nos diferentes contextos educativos, especialmente nas aulas de Educação Física da educação básica. A discussão sobre o potencial pedagógico de uma manifestação cultural não equivale, necessariamente, à demonstração de que determinada estratégia de ensino produz resultados específicos na aprendizagem dos estudantes.

Nesse sentido, uma questão relevante para pesquisas futuras consiste em investigar como o jongo é efetivamente trabalhado nas escolas, quais conhecimentos são construídos pelos estudantes e quais dificuldades são encontradas pelos professores durante o desenvolvimento dessas experiências. Também são pertinentes estudos que analisem o planejamento das aulas, a participação dos alunos, a compreensão da história afro-brasileira e as possibilidades de diálogo entre os conhecimentos escolares e os saberes das comunidades jongueiras.

Outra possibilidade de investigação refere-se à participação dos mestres, mestras e integrantes das comunidades na construção das propostas pedagógicas. A presença desses sujeitos pode contribuir para contextualizar a manifestação, valorizar seus conhecimentos e evitar interpretações superficiais de seus elementos culturais. Entretanto, a forma de participação deve respeitar as particularidades das comunidades, seus modos de transmissão de saberes e seus próprios critérios de representação cultural.

Assim, a literatura oferece subsídios para reconhecer a relevância educativa do jongo, mas também aponta a necessidade de ampliar as pesquisas sobre sua realização concreta nos ambientes escolares, considerando diferentes realidades, faixas etárias, propostas curriculares e formas de participação comunitária.

4.3 Contribuições específicas para a Educação Física

Para a Educação Física, o jongo apresenta possibilidades de ampliação do entendimento sobre as práticas corporais como manifestações históricas, sociais e culturais. Seu estudo permite abordar a dança não apenas pela execução de movimentos, mas também pela compreensão dos ritmos, dos cantos, da organização da roda, da interação entre os participantes e dos significados atribuídos à prática pelas comunidades que a preservam.

No contexto escolar, uma proposta pedagógica sobre o jongo pode articular experiências corporais e reflexão crítica. Os estudantes podem, por exemplo, investigar a história da manifestação, conhecer o significado dos pontos cantados, compreender a função dos instrumentos musicais, analisar a organização coletiva da roda e refletir sobre a contribuição das populações negras para a formação cultural brasileira. Essas atividades podem ser organizadas de maneira integrada, relacionando vivências corporais, pesquisa, diálogo e produção de conhecimentos.

Essa abordagem também possibilita discutir o papel da Educação Física no enfrentamento do racismo e na valorização da diversidade cultural. Ao incluir manifestações afro-brasileiras no currículo, o componente curricular pode contribuir para questionar a predominância de determinados referenciais culturais e ampliar o reconhecimento de diferentes saberes e experiências corporais. Essa possibilidade está relacionada à necessidade de desenvolver práticas pedagógicas contextualizadas, que não se limitem à apresentação pontual de uma dança, mas abordem sua história, seus sujeitos e sua importância social.

Entretanto, o trabalho pedagógico com o jongo exige cuidado para que a manifestação não seja descaracterizada ou tratada como uma atividade genérica, desvinculada de suas origens e de suas comunidades. Cabe ao professor buscar informações confiáveis, valorizar os conhecimentos dos praticantes e promover situações de aprendizagem que articulem movimento, história, cultura e reflexão crítica. Dessa forma, o jongo pode contribuir para uma Educação Física comprometida com a formação integral dos estudantes e com o reconhecimento da pluralidade cultural brasileira.

4.4 Limites das evidências sobre os resultados pedagógicos

Apesar das possibilidades educativas identificadas, é necessário distinguir as contribuições teóricas e culturais apontadas pela literatura dos resultados pedagógicos efetivamente demonstrados por pesquisas empíricas. O reconhecimento do potencial do jongo para promover reflexões sobre ancestralidade, identidade, memória e diversidade não permite concluir, por si só, que sua inclusão nas aulas produza necessariamente mudanças nas atitudes dos estudantes ou reduza manifestações de preconceito.

Para sustentar conclusões dessa natureza, seriam necessárias investigações que acompanhassem experiências pedagógicas concretas e apresentassem procedimentos de coleta e análise de dados compatíveis com seus objetivos. Entrevistas com professores e estudantes, observações de aulas, análise de produções escolares e acompanhamento de projetos educativos são exemplos de procedimentos que podem contribuir para compreender como essas experiências são desenvolvidas e quais aprendizagens são relatadas ou observadas.

Além disso, a interpretação dos resultados deve considerar os contextos em que as práticas ocorrem, a formação dos professores, o envolvimento da comunidade escolar e as particularidades das manifestações culturais abordadas. Uma experiência bem-sucedida em determinado contexto não deve ser automaticamente generalizada para todas as escolas ou comunidades.

No caso da presente revisão, as conclusões devem permanecer vinculadas ao alcance das nove publicações selecionadas e aos métodos empregados por seus respectivos autores. Como a busca foi realizada no Google Acadêmico e não há registro completo de todas as etapas de identificação e exclusão dos resultados, não é possível afirmar que o conjunto analisado represente toda a produção científica disponível sobre o tema. Dessa forma, os achados devem ser compreendidos como uma síntese interpretativa da literatura selecionada, e não como comprovação definitiva da eficácia pedagógica do jongo.

Em síntese, os estudos analisados oferecem fundamentos para reconhecer o jongo como manifestação relevante para a Educação Física, sobretudo por sua capacidade de articular cultura, memória, ancestralidade, resistência e corporeidade. Ao mesmo tempo, evidenciam a importância de ampliar as pesquisas empíricas sobre as experiências escolares, de modo a compreender melhor suas possibilidades, seus desafios e suas contribuições efetivas para os processos de ensino e aprendizagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar o jongo como manifestação cultural afro-brasileira, destacando sua trajetória histórica e suas relações com memória, ancestralidade, resistência e educação. A leitura de nove publicações acadêmicas permitiu compreender que o jongo articula canto, percussão, dança, oralidade, ritualidade e participação comunitária, constituindo uma prática cultural cuja continuidade depende da transmissão e da renovação dos saberes.

Os estudos analisados convergem ao reconhecer a relevância da memória coletiva e da participação das comunidades jongueiras para a preservação da manifestação. A resistência cultural se expressa na permanência das práticas, na transmissão intergeracional, na valorização das histórias e na ocupação de espaços sociais e educativos. A dimensão corporal, por sua vez, não se separa da música, da oralidade e dos sentidos históricos e simbólicos construídos pelos praticantes.

No campo da Educação Física, o jongo oferece possibilidades para ampliar o repertório das práticas corporais e promover uma abordagem culturalmente contextualizada. As experiências escolares consultadas apontam a importância de combinar estudo histórico, escuta, observação e vivência prática, sem desconsiderar os desafios relacionados à formação docente e ao enfrentamento do racismo e da intolerância religiosa.

Como limitações, destaca-se o número restrito de publicações analisadas nesta versão, a diversidade entre artigos, dissertações e capítulos e a ausência de registro completo dos resultados iniciais da busca. Por isso, os achados não devem ser entendidos como representação exaustiva de toda a produção científica sobre o jongo. Pesquisas futuras podem ampliar as bases consultadas, documentar detalhadamente as etapas de seleção e acompanhar experiências pedagógicas por períodos mais longos.

Conclui-se que o jongo é mais do que uma dança: é uma manifestação cultural afro-brasileira que articula corpo, música, memória e ancestralidade e que permanece relevante como expressão de resistência e identidade. Seu estudo na Educação Física pode contribuir para o reconhecimento da diversidade cultural brasileira, desde que seja desenvolvido com rigor histórico, respeito às comunidades e compromisso com uma educação antirracista.

REFERÊNCIAS

ALVES, Grazielly Xavier de Assis; TOMAZ, Camila Reis. **Uma experiência de jongo no chão da escola: naturezas na educação física escolar demandam práxis.** Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, e2329, 2023. DOI: https://doi.org/10.33025/tefe.v8i1.3912. Disponível em: https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/3912. Acesso em: 02 set. 2026.

AMORIM, Telma Pereira de. ***Danças afro-brasileiras: diálogos sobre memória e identidade*.** 2025. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2025. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/handle/ri/42924. Acesso em: 02 set. 2026.

ANDRADE, Wesley Faria; TEIXEIRA, Simonne; PORTILHO, Aline dos Santos**. Uma análise do jongo na produção acadêmica.** Diálogos Possíveis, v. 22, n. 2, p. 241–272, 2023. Disponível em: https://revista.grupofaveni.com.br/index.php/dialogospossiveis/article/view/1519. Acesso em: 05 set. 2026.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 06 set. 2026.

CONZ, Rosely; MARTINS, Alessandra Ribeiro**. Entre o digital e o ancestral: arquivo, repertório e o Jongo em movimento.** Conceição/Conception, Campinas, v. 13, n. 00, e024010, 2024. DOI: https://doi.org/10.20396/conce.v13i00.8678245. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8678245. Acesso em: 20 set. 2026.

CYRILLO, Letícia Tavares; SIQUEIRA, Raquel. **Jongo da Serrinha: sonoridades de sabedoria ancestral.** Brazilian Journal of Music Therapy, v. 27, n. 41, p. 25–40, 2026. DOI: https://doi.org/10.51914/brjmt.41.2025.479. Disponível em: https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/479. Acesso em: 21 set. 2026.

DIAS, Paulo. **O lugar da fala: conversas entre o jongo brasileiro e o ondjango angolano.** *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 59, p. 329–368, dez. 2014. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi59p329-368.

FERREIRA, Caroline Rodrigues; SILVA, Rosane Azevedo Neves da. **Cultura, identidade e resistência: a música preta como expressão de afirmação.** Revista Ñanduty, Dourados, v. 13, n. 21, p. 254–274, 2025. DOI: https://doi.org/10.30612/nty.v13i21.19390. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/nanduty/article/view/19390. Acesso em: 23 set. 2026.

FREITAS, Matheus Henrique de. **Jongo: dança brasileira de matriz africana na Educação Infantil. 2023.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2023. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/06b11cbf-c182-4f60-8d87-c18f3c55613b/content. Acesso em: 02 out. 2026.

GONÇALVES, Darly; RIBEIRO, Orquídea Moreira. **O jongo no Brasil: herança cultural do Reino do Congo.** In: NHAMPOCA, Ezra Alberto Chambal; LANGA, David Alberto Seth; TIMBANE, Alexandre António (org.). **Descrição linguística, educação e cultura em contextos pós-coloniais.** Belém: Home, 2022. p. 185–201. Disponível em: https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2022/12/livro.pdf. Acesso em: 02 out. 2026.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil). **Dossiê Iphan: Jongo no Sudeste.** Brasília, DF: Iphan, 2007. 92 p. (Dossiê Iphan, v. 5). ISBN 978-85-7334-047-1. Disponível em: https://bibliotecadigital.iphan.gov.br/handle/123456789/645. Acesso em: 13 out. 2026.

MATTOS, Ricardo Mendes. **O ritual do jongo e o imaginário mítico afrobrasileiro.** Téssera, Uberlândia, v. 4, n. 1, p. 115–131, jul./dez. 2021. DOI: https://doi.org/10.14393/TES-V4n1-2021-63380. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/tessera/article/view/63380. Acesso em: 13 out. 2026.

OLIVEIRA, Susan de; BEREZOSCHI, Ellen. **Jongo: do cativeiro à força das ruas.** Esclavages & Post-esclavages, n. 7, 2022. DOI: https://doi.org/10.4000/slaveries.7449. Disponível em: https://journals.openedition.org/slaveries/7449. Acesso em: 15 out. 2026.

ROCHA DA ROCHA, Giuliana; SALIB DEFFACI, Kátia. **Dança e ancestralidade em um processo de criação com crianças e adolescentes na comunidade.** *Revista da FUNDARTE*, v. 60, n. 60, e1448, 2024. DOI: https://doi.org/10.19179/rdf.v60i60.1448.

SOUZA, Alessandra Santos de. **Modos e práticas do jongo da comunidade do Tamandaré em Guaratinguetá: festejos, espetáculos e resistência.** Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: http://hdl.handle.net/10183/218410. Acesso em: 15 out. 2026.